

Carta Política dos Movimentos Sociais da América Latina ao Conselho Internacional do Fórum Social Mundial

Benim, agosto de 2026

Às companheiras e aos companheiros do Conselho Internacional do Fórum Social Mundial,

Os movimentos sociais, redes e organizações da América Latina reunidos durante o Fórum Social Mundial de 2026, no Benim, dirigem-se ao Conselho Internacional movidos por um sentimento comum de solidariedade, responsabilidade histórica e profunda preocupação com os acontecimentos que marcaram esta edição do Fórum.

O que vivemos no Benim não pode ser tratado como um incidente organizativo ou uma exceção. As restrições à participação, as deportações de delegados, os impedimentos à livre circulação, o cancelamento de atividades e a insegurança enfrentada por diversas delegações expressam uma realidade política mais ampla: o fechamento progressivo dos espaços democráticos, o avanço de projetos autoritários e a crescente criminalização da organização dos povos.

Nossa primeira manifestação é de solidariedade ao povo beninense, às organizações africanas e ao Comitê Organizador Local, que durante anos construíram este Fórum e que também foram atingidos por esta conjuntura. A defesa do Fórum Social Mundial passa, necessariamente, pela defesa daqueles que mantiveram viva esta construção coletiva.

Entretanto, a crise enfrentada na organização do FSM no Benim, também nos impõe uma responsabilidade política. Não basta compreender o que aconteceu; precisamos decidir como responder.

Vivemos uma conjuntura internacional marcada pela reorganização do capitalismo global, pelo fortalecimento do imperialismo, pela financeirização da economia, pela concentração do poder nas grandes corporações tecnológicas, pelo avanço da extrema direita, pelo crescimento das guerras, pela emergência climática e pelo enfraquecimento das instituições democráticas. Esses processos não são paralelos; fazem parte de uma mesma ofensiva contra os direitos, a soberania dos povos e a capacidade de organização da sociedade civil.

Por isso afirmamos que o FSM 2026 no Benim não representa uma interrupção da história do Fórum Social Mundial. O Benim, e a história do seu povo, marca o início de um novo tempo para o Fórum.



Chegou o momento de realizarmos uma reflexão profunda sobre nossa capacidade de responder aos desafios do século XXI. O Fórum Social Mundial precisa preservar sua identidade anticapitalista, anti-imperialista, anticolonial, antipatriarcal, antirracista e antifascista, mas também precisa reinventar seus instrumentos de articulação política.

Mais do que perguntar onde será a próxima edição, precisamos perguntar qual deve ser o papel do Fórum Social Mundial diante da crise humanitárias que vivemos.

Nossa convicção é que o Fórum não pode limitar-se a ser um espaço periódico de encontros. Deve consolidar-se como um processo permanente de convergência internacional, produção de estratégias comuns e construção de alternativas concretas para os povos.

Nesse sentido, propomos ao Conselho Internacional que delibere pela continuidade política do Fórum Social Mundial 2026.

As atividades oficialmente inscritas devem ser mantidas em formato híbrido, combinando os espaços presenciais que ainda possam ocorrer com uma ampla plataforma internacional de participação virtual. Dessa forma, milhares de organizações que não puderam chegar ao Benim — ou que foram impedidas de participar — poderão integrar os debates, reafirmando que nenhuma tentativa de silenciamento interromperá a construção coletiva do Fórum.

Propomos igualmente a criação de uma Rede Internacional de Comunicação do FSM, valorizando tecnologias livres capaz de transmitir, registrar e difundir os debates para todo o mundo, transformando cada mesa, assembleia e atividade em patrimônio político dos movimentos sociais internacionais e no enfrentamento ao controle do imaginário político pelas corporações de vigilância e plataformas sociais.

Da mesma forma, defendemos que todas as convergências realizadas no Benim sejam retomadas nas semanas seguintes, em ambiente virtual, garantindo a elaboração de documentos políticos, sínteses temáticas e agendas comuns.

Como resultado desse processo, propomos que o Fórum produza uma Agenda Estratégica Permanente, construída coletivamente pelos movimentos sociais, acompanhada por mecanismos de monitoramento e articulação entre uma edição e outra. O Fórum não deve encerrar-se quando termina o evento; deve continuar vivo na ação cotidiana dos povos.

Entendemos também que este é o momento de iniciar um amplo processo de renovação do próprio Fórum Social Mundial. A América Latina coloca-se à disposição para contribuir com esse debate, fortalecendo a cooperação entre



África, América Latina, Caribe e demais regiões do Sul Global, e ajudando a construir um novo ciclo do FSM baseado na convergência das lutas, na democratização da comunicação, na Economia Popular e Solidária, na justiça climática, na soberania alimentar, na defesa da paz e na construção de uma nova agenda internacional dos povos.

O Fórum Social Mundial nasceu afirmando que um outro mundo é possível.

Hoje, diante da conjuntura que enfrentamos, somos chamados a afirmar algo mais: um outro Fórum Social Mundial é necessário.

Um Fórum capaz de dialogar com os desafios do presente sem renunciar aos seus princípios; capaz de transformar diversidade em unidade de ação; capaz de combinar resistência com proposição; capaz de fortalecer o internacionalismo dos povos diante da reorganização do capitalismo global.

Que o Benim seja lembrado como o momento em que os movimentos sociais decidiram transformar uma crise em oportunidade, reafirmando que a esperança continua organizada e que a luta por outro mundo não será interrompida.

Os Movimentos Sociais da América Latina

Cotonou - Benim, 05 de agosto de 2026

Carta Política de los Movimientos Sociales de América Latina al Consejo Internacional del Foro Social Mundial

Benín, agosto de 2026

A las compañeras y los compañeros del Consejo Internacional del Foro Social Mundial:

Los movimientos sociales, redes y organizaciones de América Latina reunidos durante el Foro Social Mundial 2026, en Benín, nos dirigimos al Consejo Internacional movidos por un sentimiento común de solidaridad, responsabilidad histórica y profunda preocupación por los acontecimientos que marcaron esta edición del Foro.

Lo que hemos vivido en Benín no puede ser tratado como un incidente organizativo o una excepción. Las restricciones a la participación, las deportaciones de delegados y delegadas, los impedimentos a la libre circulación, la cancelación de actividades y la inseguridad enfrentada por diversas delegaciones expresan una realidad política más amplia: el cierre progresivo de los espacios democráticos, el avance de proyectos autoritarios y la creciente criminalización de la organización de los pueblos.

Nuestra primera expresión es de solidaridad con el pueblo beninés, las organizaciones africanas y el Comité Organizador Local, que durante años construyeron este Foro y que también fueron afectados por esta coyuntura. La defensa del Foro Social Mundial pasa, necesariamente, por la defensa de quienes han mantenido viva esta construcción colectiva.

Sin embargo, la crisis que enfrenta la organización del FSM en Benín también nos impone una responsabilidad política. No basta con comprender lo que ocurrió; necesitamos decidir cómo responder.

Vivimos una coyuntura internacional marcada por la reorganización del capitalismo global, el fortalecimiento del imperialismo, la financiarización de la economía, la concentración del poder en las grandes corporaciones tecnológicas, el avance de la extrema derecha, el crecimiento de las guerras, la emergencia climática y el debilitamiento de las instituciones democráticas. Estos procesos no son paralelos; forman parte de una misma ofensiva contra los derechos, la soberanía de los pueblos y la capacidad de organización de la sociedad civil.

Por ello afirmamos que el FSM 2026 en Benín no representa una interrupción de la historia del Foro Social Mundial. Benín, y la historia de su pueblo, marcan el inicio de un nuevo tiempo para el Foro.



Ha llegado el momento de realizar una profunda reflexión sobre nuestra capacidad para responder a los desafíos del siglo XXI. El Foro Social Mundial necesita preservar su identidad anticapitalista, antiimperialista, anticolonial, antipatriarcal, antirracista y antifascista, pero también necesita reinventar sus instrumentos de articulación política.

Más que preguntarnos dónde será la próxima edición, debemos preguntarnos cuál debe ser el papel del Foro Social Mundial frente a las crisis humanitarias que vivimos.

Nuestra convicción es que el Foro no puede limitarse a ser un espacio periódico de encuentros. Debe consolidarse como un proceso permanente de convergencia internacional, de construcción de estrategias comunes y de elaboración de alternativas concretas para los pueblos.

En este sentido, proponemos al Consejo Internacional que acuerde la continuidad política del Foro Social Mundial 2026.

Las actividades oficialmente inscritas deben mantenerse en un formato híbrido, combinando los espacios presenciales que aún puedan realizarse con una amplia plataforma internacional de participación virtual. De esta manera, miles de organizaciones que no pudieron llegar a Benín —o que fueron impedidas de participar— podrán integrarse a los debates, reafirmando que ningún intento de silenciarnos interrumpirá la construcción colectiva del Foro.

Proponemos igualmente la creación de una Red Internacional de Comunicación del FSM, basada en tecnologías libres, capaz de transmitir, registrar y difundir los debates para todo el mundo, transformando cada mesa, asamblea y actividad en un patrimonio político de los movimientos sociales internacionales y en una herramienta para enfrentar el control del imaginario político ejercido por las corporaciones de vigilancia y las plataformas digitales.

Del mismo modo, defendemos que todas las convergencias realizadas en Benín continúen en las semanas siguientes, en un entorno virtual, garantizando la elaboración de documentos políticos, síntesis temáticas y agendas comunes.

Como resultado de este proceso, proponemos que el Foro construya una Agenda Estratégica Permanente, elaborada colectivamente por los movimientos sociales y acompañada por mecanismos de seguimiento y articulación entre una edición y otra. El Foro no debe terminar cuando concluye el evento; debe permanecer vivo en la acción cotidiana de los pueblos.

Entendemos también que este es el momento de iniciar un amplio proceso de renovación del propio Foro Social Mundial. América Latina se pone a disposición para contribuir a este debate, fortaleciendo la cooperación entre África, América



Latina, el Caribe y las demás regiones del Sur Global, y ayudando a construir un nuevo ciclo del FSM basado en la convergencia de las luchas, la democratización de la comunicación, la Economía Popular y Solidaria, la justicia climática, la soberanía alimentaria, la defensa de la paz y la construcción de una nueva agenda internacional de los pueblos.

El Foro Social Mundial nació afirmando que otro mundo es posible.

Hoy, frente a la coyuntura que enfrentamos, estamos llamados a afirmar algo más: otro Foro Social Mundial es necesario.

Un Foro capaz de dialogar con los desafíos del presente sin renunciar a sus principios; capaz de transformar la diversidad en unidad de acción; capaz de combinar resistencia con propuesta; capaz de fortalecer el internacionalismo de los pueblos frente a la reorganización del capitalismo global.

Que Benín sea recordado como el momento en que los movimientos sociales decidieron transformar una crisis en una oportunidad, reafirmando que la esperanza sigue organizada y que la lucha por otro mundo no será interrumpida.

Los Movimientos Sociales de América Latina

Cotonou - Benín, 05 agosto de 2026

Lettre politique des mouvements sociaux d'Amérique latine au Conseil Internacional du Forum Social Mondial

Bénin, août 2026

Aux camarades du Conseil international du Forum Social Mondial,

Les mouvements sociaux, réseaux et organisations d'Amérique latine réunis lors du Forum Social Mondial 2026 au Bénin s'adressent au Conseil International, animés par un sentiment commun de solidarité, de responsabilité historique et de profonde préoccupation face aux événements qui ont marqué cette édition du Forum.

Ce que nous avons vécu au Bénin ne peut être considéré comme un simple incident organisationnel ou comme une exception. Les restrictions à la participation, les expulsions de délégué·e·s, les entraves à la libre circulation, l'annulation d'activités et l'insécurité à laquelle ont été confrontées plusieurs délégations expriment une réalité politique plus large : le rétrécissement progressif des espaces démocratiques, l'avancée de projets autoritaires et la criminalisation croissante de l'organisation des peuples.

Notre première déclaration est un message de solidarité adressé au peuple béninois, les organisations africaines et le Comité local d'organisations qui, pendant des années, ont construit ce Forum et qui ont également été frappés par cette conjoncture. La défense du Forum Social Mondial passe nécessairement par la défense de celles et ceux qui ont maintenu vivante cette construction collective.

Cependant, la crise rencontrée dans l'organisation du FSM au Bénin nous impose également une responsabilité politique. Il ne suffit pas de comprendre ce qui s'est passé ; nous devons décider de la manière d'y répondre.

Nous vivons une conjoncture internationale marquée par la réorganisation du capitalisme mondial, le renforcement de l'impérialisme, la financiarisation de l'économie, la concentration du pouvoir entre les mains des grandes entreprises technologiques, la montée de l'extrême droite, la multiplication des guerres, l'urgence climatique et l'affaiblissement des institutions démocratiques. Ces phénomènes ne sont pas parallèles ; ils font partie d'une même offensive contre les droits, la souveraineté des peuples et la capacité d'organisation de la société civile.



C'est pourquoi nous affirmons que le FSM 2026 au Bénin ne représente pas une interruption de l'histoire du Forum Social Mondial. Le Bénin et l'histoire de son peuple marquent le début d'une nouvelle étape pour le Forum.

Le moment est venu d'engager une réflexion profonde sur notre capacité à répondre aux défis du XXI^e siècle. Le Forum Social Mondial doit préserver son identité anticapitaliste, anti-impérialiste, anticoloniale, antipatriarcale, antiraciste et antifasciste, mais il doit également réinventer ses instruments d'articulation politique.

Plus que de nous demander où se tiendra la prochaine édition, nous devons nous demander quel doit être le rôle du Forum Social Mondial face aux crises humanitaires que nous traversons.

Notre conviction est que le Forum ne peut pas se limiter à être un espace périodique de rencontres. Il doit se consolider comme un processus permanent de convergence internationale, de production de stratégies communes et de construction d'alternatives concrètes pour les peuples.

Dans cet esprit, nous proposons au Conseil International de décider de la continuité politique du Forum Social Mondial 2026.

Les activités officiellement inscrites doivent être maintenues sous un format hybride, combinant les espaces présentiels qui pourront encore avoir lieu avec une large plateforme internationale de participation virtuelle. Ainsi, des milliers d'organisations qui n'ont pas pu arriver au Bénin — ou qui ont été empêchées d'y participer — pourront prendre part aux débats, réaffirmant qu'aucune tentative de nous réduire au silence n'interrompra la construction collective du Forum.

Nous proposons également la création d'un Réseau international de communication du FSM, valorisant les technologies libres, capable de transmettre, d'enregistrer et de diffuser les débats dans le monde entier, transformant chaque table ronde, assemblée et activité en patrimoine politique des mouvements sociaux internationaux et en instrument de lutte contre le contrôle de l'imaginaire politique exercé par les entreprises de surveillance et les plateformes sociales.

De la même manière, nous défendons que toutes les convergences réalisées au Bénin soient poursuivies dans les semaines suivantes, dans un environnement virtuel, afin de garantir l'élaboration de documents politiques, de synthèses thématiques et d'agendas communs.

Comme résultat de ce processus, nous proposons que le Forum élabore un Agenda stratégique permanent, construit collectivement par les mouvements sociaux et accompagné de mécanismes de suivi et d'articulation entre une



édition et la suivante. Le Forum ne doit pas s'achever lorsque l'événement se termine ; il doit continuer à vivre dans l'action quotidienne des peuples.

Nous estimons également que le moment est venu d'engager un vaste processus de renouvellement du Forum Social Mondial lui-même. L'Amérique latine se met à disposition pour contribuer à ce débat, en renforçant la coopération entre l'Afrique, l'Amérique latine, les Caraïbes et les autres régions du Sud Global, et en aidant à construire un nouveau cycle du FSM fondé sur la convergence des luttes, la démocratisation de la communication, l'Économie populaire et solidaire, la justice climatique, la souveraineté alimentaire, la défense de la paix et la construction d'un nouvel agenda international des peuples.

Le Forum Social Mondial est né en affirmant qu'un autre monde est possible.

Aujourd'hui, face à la conjoncture que nous affrontons, nous sommes appelés à affirmer quelque chose de plus : un autre Forum Social Mondial est nécessaire.

Un Forum capable de dialoguer avec les défis du présent sans renoncer à ses principes ; capable de transformer la diversité en unité d'action ; capable de conjuguer résistance et proposition ; capable de renforcer l'internationalisme des peuples face à la réorganisation du capitalisme mondial.

Que le Bénin soit retenu dans l'histoire comme le moment où les mouvements sociaux ont décidé de transformer une crise en opportunité, réaffirmant que l'espérance reste organisée et que la lutte pour un autre monde ne sera pas interrompue.

Les mouvements sociaux d'Amérique Latine

Cotonou - Bénin, 05 août 2026

Political Letter from Latin American Social Movements to the International Council of the World Social Forum

Benin, August 2026

To the comrades of the International Council of the World Social Forum,

We, the social movements, networks, and organizations of Latin America gathered during the 2026 World Social Forum in Benin, address the International Council with a shared sense of solidarity, historical responsibility, and deep concern regarding the events that have marked this edition of the Forum.

What we have experienced in Benin cannot be treated as an organizational incident or an exception. Restrictions on participation, the deportation of delegates, obstacles to freedom of movement, the cancellation of activities, and the insecurity faced by several delegations express a broader political reality: the progressive shrinking of democratic spaces, the advance of authoritarian projects, and the increasing criminalization of peoples' organizing.

Our first expression is one of solidarity with the Beninese people, African organizations, and the Local Organizing Committee, who have worked for years to build this Forum and who have also been affected by this situation. Defending the World Social Forum necessarily means defending those who have kept this collective process alive.

However, the crisis faced in organizing the WSF in Benin also places a political responsibility upon us. It is not enough to understand what happened; we need to decide how to respond.

We are living through an international context marked by the reorganization of global capitalism, the strengthening of imperialism, the financialization of the economy, the concentration of power in large technology corporations, the advance of the far right, the growth of wars, the climate emergency, and the weakening of democratic institutions. These processes are not separate; they are part of the same offensive against rights, the sovereignty of peoples, and civil society's capacity to organize.

For this reason, we affirm that the 2026 WSF in Benin does not represent an interruption in the history of the World Social Forum. Benin, and the history of its people, mark the beginning of a new era for the Forum.

The time has come for us to undertake a profound reflection on our capacity to respond to the challenges of the 21st century. The World Social Forum must



preserve its anti-capitalist, anti-imperialist, anti-colonial, anti-patriarchal, anti-racist, and anti-fascist identity, while also reinventing its instruments of political articulation.

More than asking where the next edition will take place, we need to ask what role the World Social Forum should play in the face of the humanitarian crises we are experiencing.

We firmly believe that the Forum cannot limit itself to being a periodic space for gatherings. It must consolidate itself as a permanent process of international convergence, the development of common strategies, and the construction of concrete alternatives for peoples.

In this regard, we propose that the International Council decide to ensure the political continuity of the 2026 World Social Forum.

The officially registered activities should be maintained in a hybrid format, combining the in-person spaces that can still take place with a broad international platform for virtual participation. In this way, thousands of organizations that were unable to reach Benin — or were prevented from participating — will be able to join the debates, reaffirming that no attempt to silence us will interrupt the collective construction of the Forum.

We also propose the creation of an International WSF Communication Network, based on free and open technologies, capable of broadcasting, recording, and disseminating the debates throughout the world, transforming every panel, assembly, and activity into part of the political heritage of international social movements and into a tool for confronting the control of the political imagination exercised by surveillance corporations and digital platforms.

Likewise, we advocate that all the convergence processes initiated in Benin be continued in the following weeks in a virtual environment, ensuring the preparation of political documents, thematic syntheses, and common agendas.

As an outcome of this process, we propose that the Forum develop a Permanent Strategic Agenda, collectively built by social movements and supported by mechanisms for monitoring and coordination between one edition and the next. The Forum must not end when the event ends; it must remain alive through the everyday actions of peoples.

We also understand that this is the moment to begin a broad process of renewal of the World Social Forum itself. Latin America stands ready to contribute to this debate, strengthening cooperation among Africa, Latin America, the Caribbean, and other regions of the Global South, and helping to build a new cycle of the WSF based on the convergence of struggles, the democratization of



communication, the Popular and Solidarity Economy, climate justice, food sovereignty, the defense of peace, and the construction of a new international agenda of peoples.

The World Social Forum was born affirming that another world is possible.

Today, in the face of the circumstances we confront, we are called upon to affirm something more: another World Social Forum is necessary.

A Forum capable of engaging with the challenges of the present without abandoning its principles; capable of transforming diversity into unity of action; capable of combining resistance with proposals for change; capable of strengthening the internationalism of peoples in the face of the reorganization of global capitalism.

May Benin be remembered as the moment when social movements decided to transform a crisis into an opportunity, reaffirming that hope remains organized and that the struggle for another world will not be interrupted.

The Social Movements of Latin America

Cotonou - Benin, 05 August 2026